



## **IMAGENS DA COLÔNIA JAPONESA RIO FERRO: O USO DA FOTOGRAFIA NAS PROPAGANDAS DA COLONIZADORA – MATO GROSSO (1952-1960)**

Aldina Cássia Fernandes da Silva<sup>1</sup>

### **Resumo:**

O presente artigo tem como proposta estudar as fotografias utilizadas na venda dos lotes de terras pela Colonizadora Rio Ferro, que valorizaram os traços culturais dos japoneses ao apresentarem traços étnicos para dar veracidade na propaganda do sucesso do japonês agricultor no novo “El Dorado”. Para isso, foi escolhida uma, dentre as fotografias veiculadas entre as famílias de japoneses que migraram, em 1952, da cidade de Marília no Estado de São Paulo e se instalaram no norte do Estado de Mato Grosso, na colônia Rio Ferro. Tem por recorte, a década de 1950, quando o governo do estado de Mato Grosso reservou áreas de terras devolutas para a colonização privada, quando japoneses estabelecidos no Brasil se deslocaram para o Estado de Mato Grosso para formarem a colônia Rio Ferro.

### **1 Datofotografia**

O presente artigo pretende compreender o uso da fotografia como estratégia de propaganda utilizada, entre 1950 e 1960, pela Colonizadora Rio Ferro para vender lotes de terras devolutas no estado de Mato Grosso a receptores imigrantes japoneses, vindos das Ilhas Centrais do Japão e estabelecidos nos estados de São Paulo e Paraná.

Para tanto, a exposição do acima referido acontecimento será dividida em dois momentos: no primeiro, será apresentada uma breve reflexão sobre a fotografia. No segundo momento, será exposta a fotografia utilizada pela Colonizadora Rio Ferro nas suas propagandas e a leitura de uma das imagens usada para a prospecção de compradores no processo da venda de lotes de terras. Dentre as várias formas de interpretação que se poderia fazer, a escolha da referida fotografia se fundamentou nos signos que as imagens fotográficas representaram para o grupo étnico japonês que se pretendia mobilizar.

As reflexões, as entrevistas e o levantamento das fontes escritas e orais deste presente artigo fazem parte da pesquisa realizada pela autora durante o mestrado pela Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, finalizada em 2004.

---

<sup>1</sup> Aldina Cássia Fernandes da Silva é mestre em História pela UFMT, doutoranda em História pela UFPR (CAPES), professora de História da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Email: [aldinacassia@hotmail.com](mailto:aldinacassia@hotmail.com)



A fotografia como vestígio do passado fornece indícios sobre experiências dos sujeitos históricos e constitui uma representação do mundo social mediada por interesses de grupos ou pessoas. Sobre a imagem, o olhar do historiador deve-se voltar para as práticas articuladas, a constituição da informação, o seu sentido, a sua construção cultural e seus signos e, para interpretá-la é preciso analisar o contexto de sua elaboração.

O sentido de uma imagem é produto de uma representação construída pelo fotógrafo, que seleciona o que deve ser fotografado ou o melhor ângulo para registrar algo, omitindo ou introduzindo alguma coisa. O assunto selecionado pelo autor da fotografia sempre envolve algum motivo do seu interior ou exterior, que resultará na representação final. Para Boris Kossoy (1999, p. 146), a fotografia não pode ser compreendida desvinculada dos seguintes aspectos: do “processo de construção da representação” realizado pelo fotógrafo que, ao fazê-la, recortou um fragmento; das multiplicidades de leituras realizadas pelos receptores e também de sua utilização por outras pessoas. (KOSSOY, 1999, p. 146 e 147)

A imagem fotográfica pode ter múltiplas interpretações, porque depende de quem a aprecia; por isso sua leitura é plural, pois a resposta obtida só ocorre se houver uma troca de signos, já que estes mostram o sentido da imagem. Desvendá-los é um processo de aprendizagem. O sentido que cada imigrante japonês atribuiu às imagens orientou suas expectativas e sua decisão para migrar de Marília para o norte do Estado de Mato Grosso.

Nesse contexto, o cruzamento de fontes torna-se de fundamental importância na construção de um quadro de referências mais amplo para se compreender o sentido do conteúdo das imagens. Conhecer antecipadamente a história desse grupo em estudo torna-se imprescindível não só para se viabilizar a utilização de fotografias durante esta pesquisa, como também para possibilitar ao leitor de imagens compreender o arranjo das fotos, a partir dos temas por elas sugeridos e pelos quais são agrupadas.

As fotografias exigem um estudo de seu significado, pois devem ser tratadas como documento/monumento, na medida em que é o resultado de escolhas realizadas pelo fotógrafo e pelo grupo que pensou, produziu, revelou, manuseou e utilizou-as nas propagandas. Neste sentido, afirma Le Goff (1996, p. 548- 549):

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor o futuro – voluntariamente – determina imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade [...] um documento é, em primeiro lugar, uma roupagem, uma



aparência enganadora, uma montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documento-monumentos.

Com base no acima exposto, é necessário entender a produção das fotografias realizada pelos atores sociais envolvidos na trama histórica em estudo. Os elementos que as compõe revelam traços culturais que representam o grupo étnico. O sentido está relacionado com a cultura dos imigrantes e com o sentimento de pertença. É importante fazer a diferenciação de pertencimento para se compreender os significados dos signos das imagens para os imigrantes japoneses. (RUSEN, 2014, p.205).

## **2 O uso da fotografia nas propagandas da colonizadora Rio Ferro**

Na década de 1950, no Estado de Mato Grosso, a política de colonização foi pautada na ocupação privada dos espaços, localizados ao norte e considerados *vazios*, com a intenção de formação de núcleos de povoamento e produção agrícola com mão-de-obra imigrante.

Para o Governo Estadual e Federal, a economia mato-grossense não proporcionava grandes rendimentos para os cofres do Estado. Os discursos do governo afirmavam que sua maior preocupação era “colonizar” os “espaços vazios”, a fim de dinamizar a ocupação produtiva da terra. Então, o governo estadual colocou à venda áreas de terras devolutas, ofereceu glebas para empresas privadas que estivessem interessadas em trazer colonos para se estabelecerem em Mato Grosso.

De acordo com os estudos, para o atual governador na época, Fernando Corrêa da Costa, até 1950 “o poder público limitara-se a reservar terras sem ter estabelecido colônias ‘em moldes objetivos e bases duradouras’”. (LENHARO, 1986a, p. 51). Desta forma, sua prática discursiva justificava as grandes reservas de glebas<sup>2</sup> realizadas em nome da prosperidade do Estado e para salvaguardar os interesses dos pequenos lavradores. As glebas foram demarcadas com área de 200.000 hectares para cada empresa colonizadora, que deveria dividi-las em pequenos lotes e vendê-los aos “interessados idôneos”.

---

<sup>2</sup> A expressão “reservas de glebas” representa a atitude do governo do Estado de Mato Grosso, na década de 1950, de controlar a demarcação das terras indígenas, demarcando áreas de terras devolutas, onde viviam várias etnias indígenas, como “espaços vazios” de propriedade particular do Estado que posteriormente foram comercializadas.



A Colonizadora Rio Ferro Ltda. pertencia a Yassatura Matsubara que obteve 200.000 hectares para promover a colonização com imigrantes japoneses para a qual utilizou, como propaganda, fotografias do novo espaço a ser ocupado pelos futuros proprietários dos lotes de terra.

A fotografia como estratégia dessa propaganda atraiu inúmeras famílias da cidade de Marília no estado de São Paulo e de outros estados. Muitas dentre estas foram reproduzidas em tamanhos especiais, com dimensões de 20x27 cm e coladas em uma prancha de madeira fina e foram publicadas no jornal *Correio de Marília*, na cidade de Marília, localizada no Estado de São Paulo.

As fotografias utilizadas nas propagandas pela acima referida colonizadora recortaram imagens das áreas de terras devolutas para oferecê-las à venda e, em sua maioria, eram de autoria de Paulo Matsubara, filho do colonizador. Os signos e os códigos de cada imagem foram ao encontro dos sonhos e anseios de prosperidade dos imigrantes japoneses, como mostra o fragmento do relato do Sr. P.Y., ao narrar que, para seu pai, o recortes fotográficos do espaço da Gleba Rio Ferro utilizados como propaganda “[...] mostravam este é café de um ano, café de não sei o que, bananeira produzindo, verduras bonitas, lindo, lindo. Meu pai pelo visto pensou, este é o lugar nosso [...].”<sup>3</sup>

Muitas dessas imagens foram coloridas por processo manual, conferindo às imagens um poder maior de persuasão no momento da venda sobre a fertilidade do solo a ser reocupado. No entanto, para o presente artigo nos limitaremos à análise da fotografia abaixo que representa o homem japonês produzindo verduras na área de terra da Colonizadora Rio Ferro, em 1955.

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com o Senhor P.Y. em 30 de setembro de 2003.



Figura 1: Colono japonês e o cultivo de verdura na colônia Rio Ferro  
Fonte: Acervo particular da família Matsubara

Segundo o Sr. P. Y., as fotografias utilizadas pela Colonizadora representavam o sonho do seu pai, de adquirir um espaço onde teriam terras produtivas e poderiam viver conforme suas práticas culturais, em colônia junto com outros japoneses, de origem das províncias das ilhas centrais do Japão.

Vários elementos foram recortados pelo fotógrafo para compor o cenário e construir a representação do homem japonês com sua produção de verduras. No entanto, na composição da representação da fotografia há dois elementos significativos para a venda dos lotes de terra: o homem japonês e a produção de verduras.

No Japão, há grupos que representam diferenças culturais e étnicas entre a população japonesa, mas dois dentre estes, os *ainu* de Hohhaido e os okinawanos da Província de Okinawa, são considerados minoritários e não são reconhecidos como japoneses por inúmeros nipônicos. Essa diferenciação repercutiu no Brasil com a entrada de imigrantes japoneses de diferentes etnias. Explicando, que pertencer a um grupo étnico não significa possuir cultura separada, ou que esta não sofreu alterações ao longo da vida dos imigrantes e sim que, em





determinados espaços e momentos traços culturais, se externados, demonstram a qual grupo se pertence. (BARTH, 1995, 15-18).

A construção simbólica da diferença étnica foi marcada pelo processo histórico de cada grupo japonês em relação aos japoneses da Ilha Central do Japão e também por diferenças entre suas características culturais. No que se refere à essa questão, “a diferença e a identidade estão estreitamente ligadas aos sistemas de representações”.(SILVA, 2000. p.73-102).Este artigo considera que o proprietário da Colonizadora Rio Ferro, Iassutaro Matsubara, conhecia as diferenças étnica e cultural existentes entre os grupos no Japão e que foram consideradas quando prospectou os japoneses das Ilhas Centrais do Japão para formar a colônia Rio Ferro.

O japonês que está na foto representa o grupo étnico para o qual o colonizador pretendia vender os lotes de terras e formar a colônia com imigrantes e descendentes das acima referidas Províncias. Nessa perspectiva,“os elementos constitutivos de um artefato fotográfico deixam de ser puramente descritivo no momento em que se conhecem os detalhes de sua história particular.”(KOSSOY, 1999, p.81)

O homem de origem japonesa segurando uma couve-flor representa o agricultor japonês que conseguiu ter seu pedaço de terra produtivo, venceu as agruras da mata e está a garantir a sobrevivência de sua família. A imagem concebe o japonês como desbravador, colonizador, homem resistente e capaz de produzir nas mais longínquas terras. Por outro lado, a mesma foto constrói a ideia que as terras da Colonizadora são favoráveis à agricultura,especialmente para os japoneses das Ilhas Centrais do Japão.

Ressalta-se que o grupo alvo das propagandas da referida colonizadora era constituído por imigrantes japoneses que tinham pequenas propriedades rurais ou que não possuíam terras. E que ao observarem as fotografias que representavam as terras como férteis, venderam seus pertences, levaram o que puderam em caminhões e partiram para o novo espaço.

Portanto, por meio das imagens fotográficas e dos relatos, é possível compreender como a Empresa Colonizadora Rio Ferro Ltda. e Yassutaro Matsubara pensou a colônia Rio Ferro – fundada em 1953 e situada no atual município de Feliz Natal, no norte do estado de Mato Grosso. As outras imagens fotográficas da colonizadora representaram a abertura das matas; a construção de pontes, da balsa, das casas e da escola; a chegada das primeiras caravanas de japoneses e o cultivo da terra.



Em relação ao cultivo de verduras feita por um imigrante japonês, observa-se que o fotógrafo colocou em primeiro plano a verdura produzida no novo espaço ocupado, envolta pelas mãos de um colono japonês, com a finalidade de mostrar que a terra era produtiva e que dava frutos de qualidade.

As verduras fazem parte da dieta básica dos japoneses e seu cultivo e colheita representam muito mais do que satisfazer suas necessidades básicas alimentares, é sinal de manutenção dos traços culturais do grupo étnico japonês. Na memória do Senhor P.Y. “verduras bonitas, lindo, lindo. Meu pai, pelo visto pensou, este é o lugar nosso”. Por esse fragmento, percebe-se como foi significativo, para o pai do Senhor P.Y., visualizar nas fotografias a produção de verduras grandes em época de abertura da colônia Rio Ferro.

Segundo Suzuki e Wakisaka(1992, p. 461), após a Segunda Guerra Mundial, foi acrescentado à mesa dos japoneses, já farta de vegetais, um sabor mais ocidental com consumo de tomate, pimentões, brócolis e couve-flor. A representação da couve-flor na foto, significa que também os japoneses a incluíram em seus hábitos alimentares, após terem imigrado para o Brasil.

De fato, o vegetal representa o “símbolo da unidade fundamental da vida. É naturalmente o signo do desenvolvimento, das possibilidades que se atualizarão a partir do grão, do germe, e também da matéria indiferenciada que a terra representa.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 933).

Os japoneses, mesmo após terem adquirido hábitos alimentares de outros grupos sociais, continuam a cultivar o que foi aprendido desde a infância. Esse fato leva à seguinte conclusão: “Seja como for, o imigrante japonês se tranquiliza plantando e contemplando verduras.”(HANDA, 1987, p. 95). Assim, homens e mulheres japoneses sentem-se sensíveis às imagens ligadas aos hábitos alimentares de infância apreendidos no grupo social a que pertencem.

Na ação de se alimentar, o “homem se exterioriza, exerce de certo modo sua posição numa sociedade particular. Por isso a busca de prestígio e distinção, como escreve Pierre Bourdieu, é um elemento permanente da dinâmica das escolhas alimentícias.”(GARINI, 1987, p.11).

Na figura 1, a exposição da produção agrícola em um espaço novo de ocupação representava, para as sociedades rurais, um local de auto-suficiência alimentar o que permitia que o dinheiro escasso pudesse ser empregado na terra e não na alimentação. Além desses



# ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES

elementos apresentados, a imagem ainda representava simbolicamente a “Terra da Promissão”, com clima ameno, sem geadas, fértil, a render bons frutos para quem a ocupar.

Os japoneses que responderam ao chamado da mensagem das propagandas e visualizaram a possibilidade de realizar seus sonhos de possuir terras e morar entre pessoas do mesmo grupo étnico, participaram da festa de despedida das famílias na cidade de Marília. Nesse evento, as famílias imigrantes desfilaram em cima dos caminhões que levaram seus pertences, alimentos, sementes, animais e outros, para o novo espaço de ocupação.

Além das malas e outros objetos, os sonhos e a esperança de uma vida melhor estavam presentes. A esperança estava à frente das incertezas a orientar as ações desses imigrantes. A partida dessas caravanas, com desfiles e festas se tornou um marco simbólico que servia também de estímulo para que outras famílias japonesas se interessassem pelas terras do rio Ferro. A ampla cobertura jornalística da partida funcionou como estratégia de propaganda, que acabou divulgando o novo “El Dorado” para muitos japoneses.



Figura 2 - Desfile das primeiras famílias de japoneses, moradoras em Marília-SP, com destino à Gleba Rio Ferro, ao norte do Estado de Mato Grosso, em julho de 1953

Fonte: Acervo particular da família Matsubara.

É importante registrar que este texto não teve a pretensão de explorar todo o potencial informativo das imagens utilizadas no presente artigo e sim de realizar uma leitura de fragmentos visuais utilizados pela Colonizadora Rio Ferro Ltda para a venda dos lotes de





terras devolutas no norte do Estado de Mato Grosso e neles mostrar que elementos étnicos culturais foram explorados para atrair para Mato Grosso, os imigrantes japoneses pertencentes às Ilhas Centrais do Japão. Nesse sentido, conhecer as diferenças étnicas que há entre os imigrantes japoneses foi fundamental para compreender os traços culturais acionados por meio da fotografia analisada.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 19, p.15-30, 1995.
- \_\_\_\_\_. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.
- BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. Padrões da cultura japonesa. Tradução de César Tozzi. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Ricardo. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Rio de Janeiro: Difel, 1985.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. **Uma epopéia moderna**: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: HUCITEC / Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: EdFGV, 2002.
- GARINI, Igor. Alimentação, culturas e sociedades. **O Correio**, 1987.



GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde: política de colonização no Brasil contemporâneo.** Cuiabá: UNICEN, 2002. (Coleção Tibanaré).

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Memória e imagens da conquista no movimento de reterritorização da Amazônia – Mato Grosso.** Texto que tem referência o Projeto Integrado de Pesquisa – “Movimentos Populacionais, culturas e cidades na Amazônia mato-grossense” – 1999-2000.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Vira mundo, vira mundo: trajetórias nômades. As cidades na Amazônia.** Projeto História 27. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.** São Paulo: EDUC, 2003.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil.** São Paulo: T. A. Queiroz. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KERR, G. **The history of na Island People.** Nova York: Tuttle, 2000.

KOSSOY, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Atelier, 1999.

LE GOFF, Jaques. **História e memória.** Tradução de Irene Ferreira et al. Campinas: EdUnicamp, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica.** 3. ed. São Paulo: Ed.USP, 2001.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política.** 2. ed. Campinas: Papyrus, 1986a.

RÜSEN, Jörn. **Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã.** Tradução de Nélcio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2014.

SAKURAI, Célia. **Romanceiro da imigração japonesa.** São Paulo: Sumaré, 1993.

\_\_\_\_\_. Célia. **Mais estrangeiros que os outros? Os japoneses no Brasil.** *TRAVESSIA Revista do Migrante?* Etnias. São Paulo, n. 44, p.5-10, set./dez. 2002.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. **Nós e os outros: aspectos da formação de um consenso de comunidade (Oeste Paraná, 1946-1960).** *Questões & Debates*, Curitiba, n. 34, p. 117-149, 2001.

SILVA, A. C. F. **Nas Trilhas da Memória: uma colônia japonesa no Norte de Mato Grosso – Gleba Rio Ferro (1950-1960).** 194f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.

SOUZA, Cláudio. **Impressões do Japão.** Instituto Brasileiro de Cultura Japonesa. Rio de Janeiro: [ s. n. ], 1949.

SUZUKI, Nobuo. WAKISAKA, Katsunori. **Papel desempenhado na agricultura brasileira.** COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO



JAPONESA NO BRASIL. **Uma epopéia moderna:** 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil.  
São Paulo: Hucitec, 1992.